

Prevalência de tabagismo entre acadêmicos dos cursos de Biomedicina e de Enfermagem do Centro Universitário Barão de Mauá

Prevalence of tobacco use among Biomedicine and Nursing students at Centro Universitário Barão de Mauá

Natasha de Carvalho Ricci¹, Rômulo Bonato Bonini¹, Victor Marchetto Coltri¹, César Augusto Sangaletti Terçariol², Fábio Franchi Quagliato³, Soraya Duarte Varella⁴

Resumo: *Introdução:* Pesquisas indicam que os fumantes adoecem cerca de 3,5 vezes mais que os não-fumantes. Dentre as doenças provocadas pelo cigarro estão principalmente aquelas relacionadas ao sistema respiratório e cardiovascular. O tabagismo é responsável por 5,1 milhões de mortes por ano e, se não forem implementadas políticas públicas de controle, as mortes anuais relacionadas ao tabaco deverão aumentar para 8 milhões em 2030. Pelo prisma sociocultural, o hábito de fumar pode ser considerado uma forma de obter segurança e evidência de autoafirmação, fatores essenciais à existência das pessoas. Assim, jovens começam a fumar como forma de rebeldia ou até mesmo por reprodução de comportamento, com o intuito de serem incluídos no grupo. *Objetivo:* Este estudo teve por objetivo determinar a prevalência do uso de produtos derivados do tabaco entre estudantes universitários dos cursos de Biomedicina e de Enfermagem, assim como verificar outros fatores associados ao tabagismo. *Material e Métodos:* Foi realizado um estudo descritivo transversal. A amostragem foi realizada de forma não-probabilística, por conveniência, e composta por 200 alunos. Os dados foram coletados por meio de um questionário e analisados pela estatística descritiva (frequência relativa - %). *Resultados:* Observou-se uma prevalência de 20,5% de tabagismo. Um terço desses alunos foram aconselhados a parar de fumar em atendimentos realizados pelo Sistema Único de Saúde, 31,6% já tentou parar de fumar, 94,5% associou o fumo a doenças graves, porém 52,7% relataram que fumar não causa acidente vascular encefálico. *Conclusão:* A prevalência geral do uso de produtos derivados do tabaco, de uso diário ou ocasional, entre os acadêmicos foi maior que a encontrada na população brasileira.

Palavras-chave: Tabagismo. Universitários. Prevalência.

¹ Acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: natasharicci@gmail.com, romulo_bonato@hotmail.com, victor.coltri4@gmail.com

² Doutorado em Física Aplicada à Medicina pela USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: cesar.tercariol@baraodemaua.br

³ Mestrado em Saúde na Comunidade pela USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: fabio.franchi@baraodemaua.br

⁴ Doutorado em Análises Clínicas pela Unesp. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: soraya.varella@baraodemaua.br

Abstract: *Introduction:* Researches reveal that smokers get sick around 3,5 times more frequently than non-smokers. Among the diseases caused by cigarettes, the most important are mainly those related to respiratory and cardiovascular systems. Smoking is responsible for 5,1 million deaths per year and, if tobacco control public policies are not implemented, the annual deaths related to smoking are likely to increase to 8 million in 2030. According to the sociocultural prism, the habit of smoking may be considered a way of obtaining self-confidence and self-affirmation, essential factors to people's existence. Therefore, young people start smoking as a rebelliousness act or as a behavior reproduction, with the intention of getting approval and inclusion. *Objective:* This study goal is to determine the prevalence of the use of tobacco products among Biomedicine and Nursing students, as well as to verify other factors associated with smoking. *Material and Methods:* This is a transversal descriptive study. The sampling was carried out in a non-probabilistic method and composed of 200 volunteers. The data was collected using a questionnaire and the results were analyzed with descriptive statistics (relative frequency - %). *Results:* A prevalence of 20,5% of smokers was observed. One third of these students were advised to stop smoking when receiving medical care from the Unified Health System (SUS), 31,6% has already attempted to stop smoking, 94,5% associated smoking to serious diseases, however, 52,7% reported that smoking does not cause stroke. *Conclusion:* The general prevalence of use of tobacco products, either daily or occasional, among university students, was higher than the prevalence in Brazilian population.

Keywords: Tobacco use. University students. Prevalence.

Recebimento: 20/02/2021

Aprovação: 13/06/2021

INTRODUÇÃO

O tabaco vem de plantas que são nativas das Américas e sua história começa cerca de oito mil anos atrás, quando duas espécies da planta, *Nicotiana rustica* e *Nicotiana tabacum*, foram dispersadas pelos ameríndios, tanto no sul como no norte do continente americano (WILBERT, 1991). Inicialmente, o tabaco era fumado em cachimbos, depois foi substituído pelos cigarros feitos à mão e, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial, o tabaco passou a ser fumado com mais frequência em cigarros manufaturados. As taxas de tabagismo aumentaram dramaticamente durante o século XX nos países desenvolvidos, até recentemente, e as taxas ainda estão aumentando nos países em desenvolvimento. Uma epidemia de doenças relacionadas ao fumo seguiu a prevalência do tabagismo (GATELY, 2001). Atualmente, o tabagismo responde por 8 milhões de mortes anuais no mundo e impõe um custo global de 1,4 trilhão

de dólares ao ano para todas as nações. Já no Brasil, gera 157 mil mortes anuais e um custo de mais de 57 bilhões de reais ao ano (CAVALCANTI *et al.*, 2020).

No passado, o tabagismo era entendido como uma opção por um estilo de vida, mas hoje é considerado pela ciência uma doença provocada pela dependência à nicotina.

A década de 1980 caracterizou-se pelo combate ao fumo e sua comercialização. A indústria do cigarro reconheceu as propriedades indutoras de dependência à nicotina, assim destacando os malefícios causados pelo cigarro. Nesse contexto, surgem as primeiras políticas públicas voltadas para a prevenção e combate ao tabagismo.

O consumo de tabaco foi proibido em locais fechados, lojas, transportes públicos, entre outros. Em 1987, a Organização Mundial da Saúde criou o “Dia Mundial sem Tabaco” (31 de maio), comemorado no Brasil somente a partir de 1989, sob a organização do INCA. Em 1986, o Ministério da Saúde criou, pela Lei Federal 7.488, o “Dia Nacional de Combate ao Fumo” (29 de agosto), objetivando alertar nacionalmente a população, com enfoque em adolescentes e jovens adultos – principais alvos da indústria do tabaco – sobre os males causados à saúde pelo fumo (TOLOTI, 2010).

Atualmente, o hábito de fumar é considerado uma patologia complexa, que impacta em várias áreas da vida do indivíduo. Portanto, sua abordagem requer vários saberes que interagem e se potencializam, visando abranger toda a sua complexidade (PRESMAN; CARNEIRO; GIGLIOTTI, 2005). Segundo Carvalho (2000), a dependência é caracterizada como a necessidade compulsiva do uso da droga, sendo considerada um processo complexo que envolve uma série de fatores relacionados à farmacologia, personalidade, comportamento e aspectos culturais e sociais.

Pelo prisma sociocultural, o hábito de fumar pode ser considerado uma forma de obter segurança e evidência de autoafirmação, fatores essenciais à existência das pessoas. Assim, os jovens começam a fumar, por prazer, por curiosidade, por pressão social, entre outros. (SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, PILLON, 2011)

Em 2013, a Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde e a FioCruz, demonstrou uma prevalência de fumantes com 18 anos ou mais de 14,7%, sendo 18,9% em homens e 11% em mulheres (INCA, 2020). Segundo dados do Vigitel (2019), o percentual total de fumantes com 18 anos ou mais no Brasil é de 9,8%, sendo 12,3 % entre homens e 7,7 % entre mulheres.

Estudos realizados em vários países, incluindo o Brasil, demonstram que o hábito tabagista, na maioria das vezes, instala-se antes dos 20 anos de idade (HADDAD, MALAK, 2002; MACHADO NETO; CRUZ, 2003; WAGNER, ANDRADE, 2008). A exposição de universitário são tabagismo e a outros riscos à saúde está associada a vários fatores, como instabilidade psicossocial, novas relações sociais e adoção de novos comportamentos ao ingressar na universidade (SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, PILLON, 2011; SOUZA *et al.*, 2012).

Os estudantes da área da saúde que são fumantes, como futuros profissionais que serão, também deveriam se atentar com a questão e afastar-se permanentemente de sua dependência ao tabaco. Segundo uma pesquisa entre estudantes de medicina, com o objetivo de identificar a prevalência do tabagismo, 6,4% eram fumantes regulares, e 34,3% eram ex-fumantes (MENEZES, 2004). Segundo Botelho, Silva e Melo (2012), a prevalência do tabagismo entre os universitários da área da saúde estudados foi alta, variando de 9,3% na universidade pública a 21,1% em uma das universidades particulares. Os autores também consideram que o conhecimento sobre os riscos do tabagismo foi deficitário.

Diante do exposto, essa pesquisa tem como objetivos: determinar a prevalência do uso de produtos fumígenos do tabaco e de seus derivados além de demonstrar outros aspectos associados ao consumo de tabaco entre estudantes universitários dos cursos de Biomedicina e de Enfermagem.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal descritivo. A amostragem foi realizada de forma não-probabilística, por conveniência, e composta por 200 alunos

voluntários matriculados nos cursos de Biomedicina e de Enfermagem do Centro Universitário Barão de Mauá no município de Ribeirão Preto, SP.

Os questionários autoaplicáveis foram entregues pelos pesquisadores aos voluntários, em junho de 2019, sendo que os voluntários atenderam aos seguintes requisitos:

- Estavam presentes no dia da coleta de dados.
- Aceitaram participar do estudo lendo a Folha de Informação e assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário validado, composto pelas seguintes seções: características individuais, dos fumantes diários, dos fumantes ocasionais, dos ex-fumantes, aspectos da cessação de fumar, exposição ambiental à fumaça do tabaco e conhecimentos, atitudes e percepções, totalizando 55 questões. De acordo com a condição de tabagismo do participante, seriam aplicadas as questões referentes à seção para fumantes, para ex-fumantes e para cessação do tabagismo. As seções de características individuais, de exposição ambiental e de conhecimentos, atitudes e percepções foram aplicadas a todos os voluntários. (INCA., 2011).

Os dados obtidos no questionário foram armazenados em um banco de dados no programa Excel. Para a análise dos resultados foi realizada a estatística descritiva (frequência relativa - %) das variáveis qualitativas, assim como das quantitativas que foram categorizadas.

Esse estudo está de acordo com a Resolução 466/2012, foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado sob o parecer de número 3.319.412.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram dessa pesquisa 200 voluntários, sendo que 139 (69,5%) cursam Biomedicina e 61 (30,5%) Enfermagem. Foram 165 (82,5%) participantes do sexo feminino e 35 (17,5%) do sexo masculino. A idade dos participantes variou de 17 a 43 anos, com média de 22,4 anos.

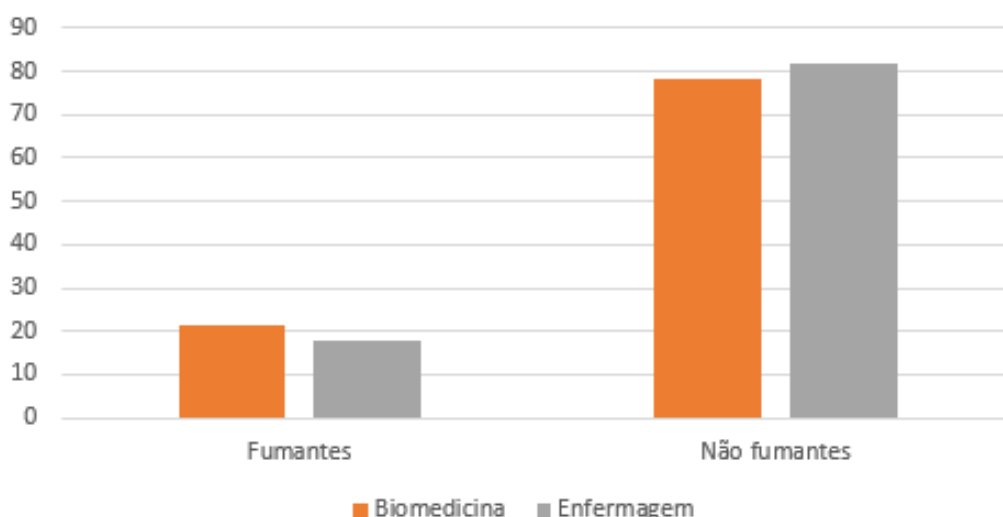
A prevalência de tabagismo entre os participantes foi de 20,5%, sendo 17,1% em homens e 21,2% entre as mulheres. Sousa *et al.* (2011) e Beckert *et*

al. (2016) encontraram uma prevalência de tabagismo maior em homens. Almeida *et al.* (2009) não encontraram diferença estatisticamente significativa na prevalência de tabagismo associada ao gênero dos universitários.

No curso de Biomedicina observou-se que 7 (5%) discentes são fumantes diários, 23 (16,5%) são fumantes ocasionais, ou seja, fumam menos de um cigarro ao dia (INCA, 2011), e 109 (78,4%) não possuem hábitos tabágicos. Já para o curso de Enfermagem observou-se que 3 (4,9%) dos acadêmicos são fumantes diários, 8 (13,1%) são fumantes e 50 (82%) não são tabagistas. Sendo que, dentre os não fumantes, estão os ex-fumantes, ou seja, aqueles que fizeram uso de tabaco fumado ocasionalmente ou diariamente, por pelo menos três meses (INCA, 2011), sendo 6,4% e 2% nos cursos de Biomedicina e Enfermagem, respectivamente.

A prevalência de fumantes no curso de Biomedicina foi de 21,6%, já entre os acadêmicos de Enfermagem observou-se uma prevalência de fumantes de 18% (GRÁFICO 1)

Gráfico 1. Relação entre fumantes e não fumantes dos cursos de Biomedicina e de Enfermagem.



Uma pesquisa realizada com universitários cursando Odontologia, Enfermagem, Nutrição e Fisioterapia, em 2009, na cidade de Lins, interior de

São Paulo, foi encontrada uma prevalência de 11,7% de tabagistas, de 85,3% de não fumantes e de 4% classificados como ex-fumantes (MIRANDA, 2009). Um estudo realizado com universitários do Piauí, a prevalência de fumantes foi de 6%, ex-fumantes foram de 4%, e 90% de não fumantes.

Rodrigues *et al.* (2008) observaram uma prevalência de 7,2% nos universitários matriculados no curso de Pós-Graduação de Fisioterapia da cidade de Gurupi (TO), enquanto Zaniniet *al.* (2002) encontraram em estudantes de 8 das 16 escolas estaduais de ensino médio existentes no município, em todas as séries, incluindo o Magistério e o Supletivo, nos turnos diurno e noturno de Santa Maria (RS), uma prevalência de 18%.

Os resultados observados no presente estudo e em outros estudos realizados entre universitários sobre o tabagismo estão de acordo com os dados encontrados no estudo Global Adult Tobacco Survey (ONU 2011 apud BRASIL, 2015), que analisou o tabagismo em 14 países e demonstrou uma prevalência de 18% de tabagistas no Brasil. Em 1989 a prevalência de tabagistas era de 31,7%, e entre 2001 e 2003 a prevalência caiu para 19%. Assim, é possível observar que as taxas de prevalência no Brasil vêm diminuindo nos últimos anos e, felizmente, o país se apresenta como exceção frente à expansão mundial da epidemia do tabaco (BRASIL, 2015).

Um fator que merece atenção em estudos de prevalência de tabagismo é o tipo de tabaco mais utilizado. Segundo Rigottie Wechsle (2000), mais da metade dos universitários tabagistas norte-americanos utilizava cigarro industrializado. Haddad e Malak (2002) também demonstraram que esse tipo de tabaco é o mais consumido entre os universitários. E no estudo de Almeida *et al.* (2012), todos os fumantes declararam utilizar cigarros comercializados.

No presente estudo, quando os tabagistas foram indagados quanto ao tipo de produto derivado do tabaco utilizado, observou-se resultados semelhantes entre fumantes diários, que usavam cigarros de palha, industrializados e narguilé. No entanto, para os fumantes ocasionais, o uso de narguilé foi mais frequente (GRÁFICOS 2 e 3).

Gráfico 2. Produtos do tabaco utilizados pelos fumantes diários na amostra total.



Gráfico 3. Produtos do tabaco utilizados pelos fumantes ocasionais na amostra total.



O uso do narguilé no Brasil aumentou nas últimas décadas, acompanhando o crescimento em outros países. Uma tragada de narguilé é quase igual ao volume de fumaça inalada com um único cigarro. Uma sessão de narguilé pode ser equivalente a fumar de 20 a 30 cigarros (ERIKSEN *et al.*,

2015). Minaker *et al.* (2015) constataram que as pessoas pensam o contrário: que o narguilé é menos maléfico que o cigarro.

Segundo Brasil (2015), algumas variáveis se associam à prevalência de tabagismo, em especial o sexo, a raça/cor, o tipo de região, a escolaridade e a renda. A prevalência de tabagismo é consistentemente superior no sexo masculino, na raça/cor preta e na região rural. Em relação à escolaridade, as proporções de fumantes são mais expressivas entre aqueles com menor grau de instrução, reduzindo-se progressivamente à medida em que se aumentam os anos de estudo. Além disso, a prevalência de fumantes também é inversamente proporcional à renda. Porém, no presente estudo, a prevalência encontrada (20,5%) é muito maior que a observada no Brasil em indivíduos com 9 a 11 anos de estudo, que é de 10,3% (VIGITEL, 2013 apud BRASIL, 2015).

Em relação ao abandono do uso de cigarros, dentre os 23 estudantes tabagistas que responderam à questão “Nos doze últimos meses, durante algum atendimento por um médico ou outro profissional de saúde, foi perguntado se você fumava?”, 16 deles responderam sim, no entanto, apenas 9 deles foram aconselhados a parar de fumar (TABELAS 1 e 2)

Tabela 1. Estudantes questionados sobre fumo em atendimento médico ou de outros profissionais da saúde

	Biomedicina	Enfermagem	Total
Sim	9 (39,1%)	7 (30,4%)	16 (69,5%)
Não	5 (21,8%)	2 (8,7%)	7 (30,4%)
Total	14 (60,9%)	9 (39,1%)	23 (100%)

Fonte: autoria própria.

Tabela 2. Estudantes aconselhados a parar de fumar em atendimentos de saúde

	Biomedicina	Enfermagem	Total
Sim	5 (26,3%)	4 (21,1%)	9 (47,4%)
Não	9 (47,4%)	1 (5,2 %)	10 (52,6%)
Total	14 (73,7%)	5 (26,3%)	19 (100%)

Fonte: autoria própria.

É válido ressaltar que um terço desses alunos foram aconselhados a parar de fumar em atendimentos realizados pelo Sistema Único de Saúde (TABELA 3) que tem progressivamente adotado políticas públicas de combate ao tabagismo. Nesse sentido, vale ressaltar que, no último relatório mundial sobre a epidemia de tabaco, a OMS (2019) demonstrou que o Brasil é o segundo país, depois da Turquia, a implementar integralmente as medidas MPOWER (*monitor, protect, offer, warn, enforce, raise*) que salvam vidas e reduzem custos, por evitarem despesas com cuidados em saúde.

Ações macro regulatórias, visando reduzir a atratividade do cigarro, como proibição de publicidade do tabaco, aumento de impostos sobre o produto, inclusão de advertências mais explícitas sobre os efeitos danosos do tabaco nos maços, legislação para restrição do fumo em ambientes fechados, campanhas para controle do fumo e o desenvolvimento de programas de abordagem e tratamento, podem ser a explicação para a redução de fumantes (BRASIL, 2015).

Tabela 3. Estudantes aconselhados a parar de fumar por meio do Sistema Único de Saúde (SUS)

	Biomedicina	Enfermagem	Total
Sim	2 (14,3%)	1 (7,1%%)	3 (21,4%)
Não	6 (42,9%)	5 (35,7%)	11 (78,6%)
Total	8 (57,1%)	6 (42,9%)	14 (100%)

Fonte: autoria própria.

Em relação ao abandono do uso de cigarros, entre os 41 discentes tabagistas, 15 (36,6%) indicaram que já tentaram parar de fumar. Dentre os estudantes que tentaram parar de fumar, percebe-se uma ligeira diferença do período de abstinência entre os cursos, já que alunos de biomedicina ficaram cerca de 7 meses sem cigarro, ao passo que estudantes de enfermagem se abstiveram por até quase um ano (TABELA 4). Tais resultados são bem inferiores aos de tentativa de cessação do tabagismo demonstrados por Beckert *et al.* (2016), no qual 57% dos discentes afirmaram já terem tentado parar de fumar. Na PETAB de 2011 apud Beckert *et al.* (2016), evidenciou-se uma

situação semelhante, visto que, do total dos fumantes, 45,6% haviam tentado parar de fumar nos últimos 12 meses.

Tabela 4. Tempo de permanência dos estudantes sem fumar em sua última tentativa para parar

Biomedicina		Enfermagem	
n =	11	n =	4
mínimo =	1 dia	mínimo =	8 dias
máximo =	24 meses	máximo =	24 meses
média =	4,5 meses	média =	6,9 meses
<u>desvpad</u> =	6,7 meses	<u>desvpad</u> =	11,4 meses

Fonte: autoria própria.

Os dados apresentados nas Tabelas 4 e 5 evidenciam uma relação direta entre o tempo de abstenção e a intenção de parar definitivamente, uma vez que os estudantes que conseguem ficar sem fumar por menos tempo (acadêmicos do curso de biomedicina), são os discentes que não têm intenção de cessar o tabagismo. No presente estudo, 26,8% dos discentes tabagistas relataram que pensam em parar de fumar, o restante não avalia essa possibilidade. Resultados bem diferentes foram encontrados por Matsumoto *et al.* (2005), que, ao analisarem as tentativas de cessação do tabagismo entre acadêmicos do curso de Enfermagem, demonstraram que 90% tentou alguma vez, 60% parou de fumar e 50% usou o método “força de vontade”.

Tabela 5. Pensamento dos Estudantes sobre parar de fumar

	Biomedicina	Enfermagem
Deseja parar de fumar no próximo mês	3 (21,4%)	1 (16,7%)
Deseja parar de fumar nos próximos doze meses	3 (21,4%)	0
Deseja Parar de fumar algum dia	1 (7,2%)	3 (50%)
Não deseja parar de fumar	7 (50%)	2 (33,3%)
Total	14 (100%)	6 (100%)

Fonte: autoria própria.

O inquérito domiciliar do Instituto Nacional do Câncer (INCA), realizado em 15 capitais brasileiras e o Distrito Federal, aponta que um fator promissor em nosso país é o elevado índice de cessação de uso de tabaco (total de ex-fumantes/ total de fumantes e ex-fumantes), de cerca de 50%, em todas as capitais pesquisadas. Esse índice é superior ao observado em alguns países como os EUA e, provavelmente, sugere que as medidas de controle do tabagismo, em especial as orientadas a estimular a cessação, têm alcançado êxito (SAÚDE, 2002).

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) representam hoje a maior carga de doença no Brasil e no mundo. Os principais integrantes desse grupo são as doenças cardiovasculares, as neoplasias e o diabetes mellitus. Em 2008, as DCNT representaram 63% de todas as causas de morte no mundo, sendo que 80% dessas mortes ocorreram em países de renda baixa e média (BRASIL, 2015). No Brasil, as estatísticas também são alarmantes: em 2007, 72% das mortes foram ocasionadas em decorrência destas patologias, sendo 31% por doenças do aparelho circulatório, 16,3% por neoplasias e 5,2% por diabetes (SCHMIDT *et al.*, 2011).

Os principais fatores de risco preveníveis para o desenvolvimento das DCNT são o tabagismo, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, as dietas inadequadas e a inatividade física (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011). Dentre esses, sobressai-se o tabagismo que, ao contrário dos demais fatores de risco, relaciona-se não somente com as doenças cardiovasculares, o diabetes e as neoplasias, mas também com as doenças respiratórias crônicas, dessa forma, impactando significativamente no grupo das quatro principais doenças crônicas não transmissíveis na atualidade.

Diante desse impacto à saúde pública, o presente estudo analisou o conhecimento e percepção dos discentes sobre o tabagismo, uma vez que eles serão futuros profissionais de saúde e, por isso, são parte importante das ações de saúde desenvolvidas para combater o tabagismo. Com relação à questão “Você acredita que fumar causa doenças graves?”, apenas 191 acadêmicos responderam, sendo que, a maioria (94,5%) associou o fumo às doenças graves, apenas um acadêmico do curso de Enfermagem escolheu como resposta a

opção “não sabe”. Para a questão “Com base no que você acredita fumar causa derrame?”, 41,9% dos discentes sabiam que o tabagismo está associado ao derrame, 52,7% acreditam que fumar não causa derrame e o restante escolheu como resposta a opção “não sabe”. Em relação à associação do tabagismo com eventos infarto agudo do miocárdio, “ataque cardíaco”, cerca de 72% dos discentes conhecia essa associação, 25,7% não sabiam responder e o restante (2,3%) acredita que fumar não causa ataque cardíaco. Quando indagados sobre a associação entre câncer de pulmão e tabagismo, 99,5% acredita que fumar causa câncer de pulmão, apenas um discente de Biomedicina afirmou que fumar não causa câncer de pulmão. Esses resultados demonstram que, de uma maneira geral, a maioria dos alunos conhece os riscos de infarto agudo do miocárdio e câncer de pulmão associados ao tabagismo e desconhece a associação de risco para o acidente vascular encefálico.

Apesar da diminuição do seu uso, o tabaco ainda gera um alto custo social e econômico para o País, somando custos diretos de assistência e indiretos por redução da produtividade com absenteísmo, aposentadoria por invalidez e morte prematura. A partir de dados de prevalência de 2008, o gasto calculado em saúde atribuído ao tabagismo foi de R\$ 20,68 bilhões (destes, R\$ 15,71 bilhões para o sexo masculino). O tabaco foi responsável por 13% do total de mortes no Brasil, reduzindo a expectativa de vida do brasileiro fumante em cinco anos em relação ao não fumante. Em relação aos anos de vida perdidos ajustados por incapacidade, a carga de doenças atribuída ao tabagismo foi de 1.873.415 disability-adjusted lifeyear (DALYs), principalmente por infarto agudo do miocárdio acidente vascular cerebral, câncer de pulmão e doença pulmonar obstrutiva crônica. (ALIANÇA DE CONTROLE DE TABAGISMO, 2012).

CONCLUSÃO

A prevalência geral do uso de produtos derivados do tabaco fumados e não fumados, de uso diário ou ocasional, entre estudantes de biomedicina e enfermagem do Centro Universitário Barão de Mauá foi maior que a encontrada na população brasileira.

Quanto ao tipo de produtos derivados do tabaco, o uso de narguilé foi mais frequente em fumantes ocasionais, já nos fumantes diários foram encontradas frequências muito semelhantes para o uso de cigarro de palha, industrializado e narguilé.

Durante os atendimentos realizados pelo Sistema Único de Saúde, um terço desses alunos foram aconselhados a parar de fumar.

Quanto ao conhecimento e percepção sobre o tabagismo, a maioria dos alunos conhece os riscos de ataque cardíaco e câncer de pulmão associados ao tabagismo e desconhece a associação de risco para o acidente vascular encefálico.

Embora o Brasil seja um dos líderes em políticas de controle do tabagismo, não existem muitas pesquisas sobre a prevalência e fatores associados ao tabagismo em universitários da área da saúde. Esses dados são importantes para estimular as instituições de ensino superior a implementarem estratégias de esclarecimento sobre o risco de tabagismo e de combate ao hábito de fumar dos acadêmicos.

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

ALIANÇA DE CONTROLE DE TABAGISMO. **A química do cigarro. Apresenta as substâncias tóxicas presentes no cigarro.** 2011.

INCA. 2011. **Pesquisa Especial de Tabagismo.** PETab Relatório Brasil.

ANDRADE A. P. A. et al. Prevalência e características do tabagismo em jovens da Universidade de Brasília. **J Bras. Pneumol.**, v. 32, n. 1, p. 23/28, 2006.

BECKERT, N. et al. Características do uso de produtos derivados do tabaco entre universitários do curso de Odontologia em uma Universidade de Curitiba. **Rev. Odontol. UNESP**, v. 45, n. 1, p. 7-14, 2016.

BOTELHO, C.; SILVA, A. M. P.; MELO, C. D. Smoking among undergraduate health sciences students: prevalence and knowledge. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 37, n. 3, 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Abordagem e tratamento do fumante – Consenso 2001**. Rio de Janeiro: INCA, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: o cuidado da pessoa tabagista / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CARVALHO, J. T. **O tabagismo visto sob vários aspectos**. Rio de Janeiro: Medsi, 2000.

ERIKSEN, M. et al. **The tobacco atlas**. 5. ed. Atlanta: American Cancer Society, 2015.

GATELY I. **La diva nicotina: the story of how tobacco seduced the world**. London: Simon and Schuster, 2001.

HADDAD, L. G.; MALAK, M. Z. Smoking habits and attitudes towards smoking among university students in Jordan. **Int. J. Nurs. Stud.**, v. 39, n. 8, p.793-802, 2002.

INCA. Dados e números da prevalência do tabagismo.

MACHADO NETO, A. S.; CRUZ, A. Tabagismo em amostra de adolescentes escolares de Salvador-Bahia. **Jornal de Pneumologia**, v. 29, n. 5, p.264-272, 2003.

MATSUMOTO, K. S. et al. O uso do tabaco entre os universitários de enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). **SMAD**, v. 1, n. 2, p.1-14, 2005.

MENEZES, A. M. B. **Tabagismo em estudantes de Medicina: tendências temporais e fatores associados**. 2004. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

MINAKER, L. M. et al. Hookah use prevalence, predictors, and perceptions among Canadian youth: findings from the 2012/2013 youth smoking survey. **Cancer Causes Control.**, v. 26, n.6, p. 831-838,2015.

MIRANDA, J. S. **Tabagismo em estudantes de Medicina: tendências temporais e fatores associados**. 2009. 550 f. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem, Centro Universitário de Lins, Lins, 2009.

PRESMAN, S.; CARNEIRO, E.; GIGLIOTTI A. Tratamentos não farmacológicos para o tabagismo. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, n. 5, p. 267-75, 2005.

RIGOTTI, N. A.; WECHSLER, H. US college students use of tobacco products: results of a national survey. **Jama**, v. 284, n. 6, p. 699-705, 2000.

RODRIGUES, Elizângela Sofia Ribeiro. **Nível de atividade física e tabagismo em universitários**. 2008. 23 f. Tese (Doutorado) - Graduação, Faculdade Unirg. Gurupi, Tocantins, 2008.

SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, C. M.; PILON, S. C. Tabaquismo entre universitarios: caracterización del uso en la visión de los estudiantes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 19, p. 730-737, 2011.

SAÚDE, Secretaria de Vigilância em Saúde, **Inquérito Domiciliar sobre Comportamentos de Risco e Morbidade Referida de Doenças e Agravos não Transmissíveis**. 2002. 185 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, 15 Capitais e Distrito Federal, 2003.

SCHMIDT, M. I. et al. Chronic non-communicable diseases in Brazil: burden and current challenges. **Series Health in Brazil 4. Lancet**, London, n. 377, p. 1949-1961, 2011.

Sousa L.G. *et al.* Prevalência e Fatores Associados ao Tabagismo entre Estudantes Universitários. **ConScientiae Saúde**, v. 11, n. 1, p.17-23, 2012.

TOLOTI, M. V.; DAVOGLIO, T.R. Evolução histórica da propaganda, legislação antitabagismo e consumo de cigarro no Brasil. **Revista de Psicologia da IMED**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p.420-432, 2010.

VIEGAS, Carlos Alberto de Assis; ANDRADE, Ana Paula Alves de; SILVESTRE, Rosângela da Silva. Características do tabagismo na categoria médica do Distrito Federal. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 33, n. 1, 2007.

WILBERT, Johannes. Does pharmacology corroborate the nicotine therapy and practices of South American shamanism? **Journal of Ethnopharmacology**, n. 32, p. 179-186, 1991.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Noncommunicable diseases country profiles 2011. Geneva: WHO, 2011.

WHO. Tobacco Free Initiative (TFI). WHO Report 2011_Warning about the dangers of tobacco [internet].WHO reference number: WHO/NMH/TFI/11.3. Genebra; 2011. [acesso em 2011 ago. 11].

ZANINI, R.R. et al. Prevalência e fatores associados ao consumo de cigarros entre estudantes de escolas estaduais do ensino médio de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 2002. **Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 8, p. 1616-27, 2006.